S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 8 de outubro de 1910 — ANNO IV — NUMERO 52

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondencia deve ser dirigida a
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio.

AGORA NOS!

As ruas do triangulo central foram no domingo invadidas por todo o elemento clerical de S. Paulo. Coincidindo com a estada de Clemenceau nesta capital, estiveram aqui reunidos todos os dominantes da Igreja no Brasil.

Quizeram pôr isso passar em revista as suas forças. E organizaram a passeata realizada.

Que foi ella? qual a sua importancia?

Os clericaes devem estar satisfeitos, pois conseguiram tudo quanto podiam conseguir.

Trouxeram para a rua o seu exercito em peso.

Para isso não lhes faltou o apoio das autoridades. Por toda a cidade viam-se os boletins e manifestos que annunciavam o comicio, sem que um só delles tenha sido rasgado pelos policias, como sempre acontece quando o elemento liberal convoca uma reunião. O transito foi completamente interrompido, na rua não se viam aquellas apparatosas demonstrações das forças policiaes dos dias das nossas reuniões e, como homenagem á lei que separa a Igreja do Estado, abria o cortejo a banda da Policia!

O seu grande cortejo de mulheres e crianças, cercado por uma multidão de curiosos, apreciadores de tudo quanto é apparatoso, pode assim desfilar pela cidade na melhor paz.

Isto é, não foi bem assim; alguem desmanchou a festa.

A' nossa porta, que está bem em frente á da igreja da Sé, collocamos, abertos como estandartes de combate, alguns numeros da *Lanterna*, de *L'Asino*, e de *El Motin*, que escandalizavam os olhares dos seraficos manifestantes ali agrupados, chegando alguns, mais timoratos, ao extremo de traçar o *signal da cruz*, muito efficaz para evitar o máo olhado e as tentações.

Naquella hora, alguns correligionarios que, como de costume, frequentam a nossa sala de leitura, sem previa combinação, movidos pelo mesmo sentimento de revolta ante aquella ostentação de fanatismo, onde as mulheres e as crianças constituiam a maioria, foram á passagem do cortejo dizer aos tonsurados, desde o *eminente* Arco ao mais réles papador de hostias, em brados bem altos, a repulsa que lhes provocava a farsa ignobil.

E aos vivas á memoria de Ferrer, de Giordano Bruno, outros vivas surdiam, de entre os curiosos que estacionavam no triangulo, exalçando o livre pensamento, a razão victoriosa e os seus batalhadores.

Foi a prova cabal de que ha em S. Paulo muitos e muitos libertos ao jugo clerical.

E o azedume dos reverendos pançudos nem siquer foi desfeito pelo discurso do dr. Carvalho, o famoso catavento de Avaré.

Agora nós, a 13 de outubro, a data que lembra o assassinato de Ferrer, crime commettido a instancias do clero que até falsas testemunhas forneceu, precisamos demonstrar que tambem somos fortes e não deixamos de acceitar os desafios nem abandonamos a arena de combate.

E' preciso que os nossos leitores, sem excepção de um só, os que sympathizam com a nossa campanha, todos, emfim, que pensam e reflectem, não deixem de comparecer nesse dia afim de commemorarmos, dignamente, a memoria de Francisco Ferrer, ainda hoje vilipendiada e escarnecida pelos seus infames algozes.

Que os olhos dos tonsurados, atonitos e apavorados, contemplem um enorme cortejo de homens livres e meditem na imminencia de sua queda, em seu irremediavel aniquilamento ante a ideia que marcha triumphalmente.

Seja o nosso appello correspondido é o que desejamos. Estamos certos de que nem um só dos que têm intelligencia e não soffrem a nefasta influencia da sacristia, deixará de tomar parte no grandioso comicio.

A 13 de outubro faz um anno que Ferrer foi assassinado.

Recordemos nesse dia o grande educador e, ao mesmo tempo, mostremos ao clericalismo que pretende açambarcar esta cidade que, aqui, contam-se por milhares os seus adversos, os que estão promptos a golpear de morte, com as armas do pensamento, a negra instituição alicerçada no sangue dos justos que se chama — clericalismo:

* * *

Em Campinas

Conforme annunciamos, realizar-se-á nesta cidade uma festa com o seguinte programma:

1.ª Parte — Discurso proferido pelo dr. Basilio de Magalhães, lente cathedratico do Gymnasio de Campinas, versando sobre Francisco Ferrer.

2.ª Parte — Drama em 2 actos intitulado *Amor de Mãi*, pelo Grupo Dramatico Hespanhol.

3.ª Parte — Comedia em 1 acto intitulada *A casa de campo*, e o joguete comico *Parada e hotel*.

Finalizará o festival uma apotheose a Francisco Ferrer, falando nessa occasião o dr. Mendes Vieira, lente cathedratico do Gymnasio do Campinas.

No Rio

No theatro da Federação Operaria realizar-se-á um espectaculo dedicado á Escola Moderna, no sabbado, 15 de outubro, ás 8 e meia horas da noite, com o programma seguinte:

1.ª Parte — *O Mestre* — drama em um acto de N. Roussel, representado pelo Grupo Fracisco Ferrer.

2.ª Parte — Conferencia pelo dr. Mauricio de Medeiros sob o thema: "Que é Escola Moderna?"

3.ª Parte — *O Peccado de Simonia* — comedia em em um acto de Neno Vasco, representado pelo mesmo grupo.

4.ª Parte — Baile familiar e kermesse em favor da Escola Moderna.

Em Santos

A Federação Operaria, de commum accordo com os Centros Republicanos Portuguez e Hespanhol, realizará no dia 13 um comicio, que promette ser imponentissimo.

Antes do comicio, na séde da Federação haverá conferencias e discursos allusivos á data.

* * *

Importante proposta

O nosso amigo Francisco de Paula escreve-nos sobre uma importante proposta.

Diz que, passando agora o anniversario do assassinato de Ferrer, é occasião para se demonstrar praticamente que somos admiradores de sua obra e pela qual elle morreu.

Dirige, pois, o nosso companheiro um caloroso appello a todos os homens animados de bons sentimentos, a todos os que sinceramente desejam vêr em S. Paulo implantada a Escola Moderna, PARA QUE CONCEDAM O PRODUCTO DO TRABALHO DO DIA 13 EM BENEFICIO DA ESCOLA MODERNA.

E' uma proposta importantissima que merece todo apoio. O amigo Francisco de Paula faz notar que será a prova pratica que darão todos aquelles que se têem demonstrado enthuziastas dessa grande instituição.

Provas e não palavras.

O thezoureiro do Comité da Escola Moderna é encontrado todos os dias á avenida Celso Garcia, 24, e espera esse donativo de todos.

A' obra, pois.

— O PADRE — Muito cuidado, seu «derrubador» de ministerios. Nesta republica mandamos nós . . .

A revolução em Portugal

Revolução, revolução! Sim, revolução destruidora de tyrannias e portadora de liberdades!

Lá, naquelle bello recanto da peninsula Iberica, no alegre paiz do fado, o povo troca neste momento a enxada pela carabina, o martelo pela dynamite, levanta barricadas e destralda o rubro pendão da revolta, lutando como valentes para derrocar a carcassa corroida e podre de uma instituição archaica.

O mesmo povo que tantas vezes tem feito recuar a tyrannia, escurraça agora, num gesto grandioso, os restos estacellados de uma dynastia caricata e apodrecida.

Nós, que nos nossos grandes sonhos de liberdades, avançamos até um regimen tão grandioso que os estreitos limites da actualidade não o podem comportar, nos sentimos transportados até ao paroxismo do enthusiasmo quando vemos o povo paciente e sempre soffredor irromper assim, como o leão enraivecido, contra os ladrões de seus direitos.

Quanta emoção vai por esse mundo afóra! Não ha ninguem cujos sentimentos ainda não estejam embotados pela chatesa situacionista, que não se sinta preso pelo desenrolar dos acontecimentos de Portugal.

O povo portuguez bate-se e morre pela liberdade e isto enche-nos de ancias, de duvidas pelo exito de sua causa. E mais a nossa anciedade avoluma-se diante do atropelo das noticias.

De que lado estará a victoria? Terá vencido a causa da justiça ou ainda ganharia a violencia organizada?

Pelas ultimas noticias ha quasi a certeza de terem sido vencedores o povo e as forças com elle solidarias. A Republica parece já ser um facto em Portugal, derrocando para sempre o dominio dos Braganças.

Será, sob todos os pontos de vista, mais uma valiosa etape na marcha incessante do progresso.

A republica em Portugal foi preparada e conquistada abnegadamente com o sangue do povo, preparada por homens de sciencia, por artistas, por sonhadores e em uma época em que as aspirações sociaes marcham para novas formas politico economicas mais avançadas. E, o que é mais importante, foi instituida pela revolução popular. E a clericanalha, a Igreja? Será essa canalha, esse Himalaya de infamias e corrupções o alvo principal do ariete demolidor dos vencedores. A Republica Portugueza não consentirá, por certo, que os seus maiores inimigos, os que, na sombra dos conventos e das igrejas urdiam os seus planos criminosos contra os seus lutadores, continuem a vegetar, impunemente,

O padre era o maior inimigo dos republicanos portuguezs. Chegou, portanto, o seu momento.

Os que derramam ainda agora o seu sangue pela Republica não farão, estamos certos, como estes caricatos republicanos do Brasil.

Isso não acontecerá, não. A transformação politica em Portugal não foi feita como nesta malfadada terra de Vera Cruz, por um golpe de prestidigitação. Lá houve o baptismo do sangue. E o sangue do povo não se derrama inutilmente.

Terminamos aqui, enviando aos bravos, aos abnegados que, numa luta heroica, a esta hora offerecem as suas vidas á causa da liberdade, os nossos applausos, as nossas esperanças.

O CANCRO SOCIAL

A Moral Religiosa

II

Sem receiar as caldeiras de Pedro Botelho, essas seculares caldeiras com que a igreja-papal sempre ameaçou (e ameaça ainda!) os espiritos fracos e supersticiosos, que são hoje, innegavelmente, o seu maior e mais forte sustentaculo, e muito menos ainda sem recear o *castigo* desse Super-homem que ninguem conhece e que jámais o viu ou ouviu, mas que a igreja, como unica medida de salvação, tenta absurdamente mostra-lo ao mundo — que triste irrizão! — como sendo o Bom dos bons, o Justo dos justos, e até desgraçadamente como sendo o Humano dos humanos, — sem nada receiar, dizia, escrevemos no artigo anterior que, se a moral da Igreja Catholica, Apostolica Romana era em tudo e em todos os seus negros e mysteriosos principios uma moral putrida e nefasta e, portanto, declaradamente inimiga do progresso e dos mais nobres sentimentos da humanidade, Deus, por sua vez, não o era menos — em nada, absolutamente.

E não exageramos nem falseamos a verdade dizendo-o e sustentando-o. Não; porque, especialmente hoje poucos são já os que ignoram que esse Deus que a Igreja Romana encarna e nos aponta nos livros sagrados — nesses monstros onde só se ensina a ter odio e se impõe a amar-se a Deus, legando-lhe os bens —, não é um Deus bom e humano e superior a todos os homens, como ella canalhamente affirma sem provas que esclareçam e sem aquelles dados visiveis e concludentes que se exige. Só por evasivas hypocritas e estupidas. Com dados palpaveis e elucidativos — nunca,

E porque?

Porque esse Deus é — para que o negar? — e sempre foi, um Deus inteiramente pessoal: é o principio do Vaticano — esse monstro malefico, perturbador consciente da humanidade inteira. Sim, é elle, só elle. Ninguem conhece outro. Não existe outro.

E' ali, pois, entre aquellas quatro paredes, onde se têm planeado e commettido os mais horrorosos crimes e as mais abominaveis monstruosidades, que vive, rodeado de aduladores e patifes, monstros como elle, esse *virtu so...* Deus da Igreja Catholica, Apostolica, Romana — o Papa.

Hontem foi Gregorio IX, o *piedoso*, protector nato da inquisição, que, em nome da *moral* da Igreja, canonizou Domingos de Gusmão por ter exterminado cruelmente os pobres albigenses só porque não pertenciam á sua fé; hoje é Pio X que, se não préga, como os seus *santos* successores, a *querra santa* (porque os tempos são outros e nada propicios a tão hediondas aventuras) manda, no emtanto, desinfectar as igrejas de Roma simplesmente por se ter ali effectuado um congresso de livres-pensadores!

Ora é a estes canalhas, a estes miseraveis Caligulas, a quem os destoutiçados e mediocres *moralistas* da Igreja Romana chamam o tal Super-homem e que, para maior ridiculo, acreditam-no eterno e infallivel.

Eterno e infallivel!

Bem diz Max Nordau nas suas *Mentiras Convencionaes*: Só uma estridente gargalhada de Rabelais ou um novo tinteiro arremessado com ancia por Luthero, poderiam destruir semelhante absurdo.

* * *

Mas, perguntamo agora, eterno e infallivel em que? Então não salta aos olhos de todos que o Deus da Igreja é um Deus ambulante e transitorio?

Basta, miseraveis! basta de farça! E em vão tentarão fazer-nos acreditar no seu exagerado amor pela humanidade soffredora. Temos horror pelas coisas invisiveis e incertas. São pataranhas de tal fórma absurdas e estultas que já não encontram éco no nosso espirito. Deem-nos, antes, um Deus realmente justo e bom, mas palpavel e claro, e não um Deus mysterioso, que ninguem connece e que jámais se viu nem ouviu, como disse Edgard Monteil.

Um Deus assim, estranho, indecifravel e ficticio, interesseiramente inventado pelo homem para explorar o homem, odiamo-lo, detestamo-lo, abominamo-lo, como tambem odiamos, detestamos e abominamos todos os deuses e todas as religiões, porque tudo significa farça.

Exigimos a Razão pela razão, a Justiça pela Justiça, a Verdade pela Verdade. Somos, neste ponto especialmente, como um philosopho catholico — o grande Paschal: "Se querem que eu submetta a minha razão, então é necessario que me dêem razões".

Acceitam, acaso, o repto?

* * *

Como vêem, não somos muito exigente; apenas exigimos a verdade completamente despida de preconceitos falsos e idiotas. Exigimos a realidade e não a hypothese, isto é — exigimos um Deus que raciocine, que pense e que julgue como nós outros e, portanto, um Deus real, e não um Deus imaginario, nascido do nada, como esse que orthodoxamente apostolizam e advogam. Exigimos, pois, um Deus que soffra como nós soffremos, que compartilhe dos mesmos gozos e desgostos e, emfim, que coma do mesmo pão — embora amassado pelo diabo,

Do contrario, todos os seus esforços serão improficuos e inuteis.

Foi tempo em que nos acobardavamos quando nos ameaçavam com aquelle papão que quasi sempre estava atrás da porta, e ingenuamente nos prostravamos diante dum carunchoso pau de bater bifes...

Hoje não. Hoje somos como Diderot — não aceitamos "*nem rei nem Deus*".

Já não receamos o papão como outr'ora — porque reconhecemos, felizmente, que esse papão é a Igrejá, ou por outra — o papa. Tambem não receiamos Deus — porque ignoramos absolutamente o que significa o termo *Deus*.

Esse Deus que a Igreja nos impõe ás ameaças de *crê ou morre!* odiamo-lo. E odiamo-lo porque? Porque é um Deus em tudo e por tudo deshumano e assassino, de instinctos ferinos e selvagens, como já o dissemos no artigo anterior. Sim, odiamo-lo porque não é só um leão desvairado, um Heliogabalo secular e indomavel: é um perfeito antropophago.

Mas se assim não é, como quer a Igreja, respondam-nas, então, os seus mystificadores:

Que póde ter de bom esse Deus que mata para viver na voluptuosidade, que rouba para engordar como os suinos alentejanos e que deshumanamente procura a todo transe fazer da pobre humanidade um monturo de ruinas ou um mistro e réles capacho, accessivel a todos os caprichos e a todos os odios desses que parvamente se julgam senhores do céo e da terra?

Que póde ter de humano esse Deus que préga a *guerra santa* de exterminio, que incita os seus servos ao morticinio, que impõe o martyrio, que institue a inquisição e que, para mais contraste, proteje os relapsos e os bandidos da mais baixa e degradante estirpe, ao ponto de canoniza-los?

E que póde ter, tambem, de superior esse Deus que se deixa diariamente infamar e ultrajar pelos *malditos* (assim nos chamou ha pouco Pio X) pedreiros-livres que o odeiam tanto ou mais ainda do que a um animal hydrophobo?

Sim, *qu'est que ce Dieu, qui tue Dieu pos apaises Dieu.* como disse Diderot?

Ah! Eu sei, eu sei! Não é um Deus superior a todos os homens e a todos os sentimentos humanos, como systhematicamente o préga a Igreja. Não. Nem tãopouco é um Deus moralista. Mas é todavia um *humanitarista* como Nero, um *pacifico* como Loyola, um *sensato* como Torquemada, um *justo* como Innocencio III, um *moralista* como João XIII, um *piedoso* como S. Domingos de Gusman, um *tolerante* como Paulo V, um *devoto* como Giovanni Gioli, um *homem* como Militins de Caligula e, finalmente, um *sentimentalista* como Heliogabalo!

Eis ahi, pois, o Deus da Igreja com todo o seu illimitadissimo humanitarismo! Não o podiam inventar melhor ou superior. Tem todos os *predicados*. Nada lhe falta. E' pena não estar no Jardim Zoologico. Se lá estivesse, com franqueza, pagariamos para o ver, mas de chicote nas unhas — por causa das duvidas...

Rio, 4 — 10 — 910.

J. FERNANDES TAVARES.

Estamos fazendo uma larga distribuição da LANTERNA, *enviando-a a todas as pessoas que julgamos estarem de accordo com o seu programma.*

Consideraremos, portanto, como nossos assignantes todos aquelles que não devolverem o primeiro numero recebido.



ROL DOS CULPADOS

Proesas de tonsurado

Em Arassuahy, Minas, um padre deshonra uma moça e culpa um terceiro.

Do *Mucury* de Theophilo Ottoni, Minas, transcrevemos a seguinte carta, que denuncia mais uma das conhecidas bandalheiras dos bandahos que se dizem sacerdotes de uma religião. Não lhe accrescentaremos commentario algum, bastando a simples relação para que o leitor se capacite mais uma vez do que é capaz essa grande canalha.

Eis a carta:

"Ultimamente, vindo eu de S. Miguel de Jequetinhonha, em viagem para Diamantina, fui surprehendido com a noticia de que o monsenhor Murta havia forgicado um papel contendo descabellada calumnia, que venho rebater em publico.

Como elle engendrou-a? Vejamos.

Estou informado e é verdade incontestavel que o monsenhor com a sua labia de *santarrão* obteve de Joaquina de Jesus a ida de sua filha Eufrosina Maria de Jesus, de 16 annos de idade, para residir em sua companhia, como criada.

A pobre mãi da moça, apesar de bem avisada do perigo que corria a sua filha em companhia do monsenhor, dizia com confiança que o tal lobo era padre... e porisso nada havia de acontecer-lhe. Que engano!

Decorridos mais ou menos dois annos, apresentou-se Eufrosina de Jesus em estado de gravidez. Eis o padre em apuros, porque tornou-se o facto publico, sendo elle apontado como o unico autor da deshonra da sua criada. Tambem ninguem nesta cidade se surprehendeu com a pratica desses actos de perversão moral, pois dizem que as victimas já sacrificadas pelo padre são innumeras. De uma das vezes, deixou o *rabo* preso na ratoeira, tendo sido autoado.

Procedidas as investigações policiaes, as provas surgiram esmagadoras; mas o padre livrou-se das malhas da justiça, por uma tangente de misericordiosa protecção.

O padre tornou se mais cauteloso.

A sua infeliz victima Eufrosina de Jesus elle casou a religiosamente em sua propria casa, arranjando para seu esposo um pobre retirante dos sertões da Bahia, que appareceu nesta cidade supplicando a caridade publica, foragido dali pelos rigores da secca e da fome, ao qual o padre deu como indemnização, um pequeno *dote*. Feito o casamento *atrás da porta*, porque a noiva já se achava bastante *gorda*, o padre tratou logo da mudança do casal de esposos para Theophilo Ottoni.

De facto, ambos seguiram para a vizinha cidade, e lá quatro mezes depois Eufrosina de Jesus deu á luz uma interessante menina, o que não deixou de ser um facto *milagroso*, desses que a *santidade* do reverendo está acostumada a produzir.

Batida pelos vendavaes da desgraça, abandonada pelo marido, teve Eufrosina de voltar para esta cidade, trazendo a filhinha do padre, procurando a companhia de sua velha mãi.

Chegado a este lugar o sr. arcebispo de Diamantina, em visita pastoral, Eufrosina de Jesus e sua mãi levaram ao seu conhecimento as escandalosas occorrencias a que venho de referir-me.

O sr. bispo que bem conhece o tal director do povoamento do sólo deste municipie, chamou-o á ordem em particular e com a devida reserva. Então o padre vendo-se por este modo apertado, negou a verdade do facto de publica notoriedade nesta cidade, e até comprometteu-se a offerecer á superior autoridade diocesana prova em contrario.

Em execução de seu machiavelico plano, o perverso do padre escolheu-me para seu *para-raios*. Forgicou uma declaração de Eufrosina de Jesus, que é analphabeta, mandou assigna-la a seu rogo, arranjando duas testemunhas que a subscreveram, e atirou sobre mim a responsabilidade do criminoso facto de que é elle o unico responsavel.

Nesses expedientes o padre é fertil e profissional.

Chegando a esta cidade fui scientificado do escandaloso arranjo do padre.

Como me cumpria, tratei logo de reagir.

Sabedor de que Eufrosina de Jesus já havia publicamente protestado contra o abuso praticado pelo monsenhor, sem o seu consentimento, mandei chama-la, declarando ella diante de grande numero de pessoas, não ter eu nenhuma responsabilidade relativamente á sua honra, pois que nem ao menos me conhecia. Então com toda publicidade Eufrosina mandou escrever a declaração que abaixo vai publicada, a qual vem esmagar completamente a que o reverendo extorquiu-lhe inconscientemente, e que até hoje não teve a coragem de fazer conhecida do publico."

Eis a parte mais importante da declaração:

"PUBLICA FORMA de uma declaração do têor seguinte: Eu, abaixo assignada, Eufrosina Maria de Jesus, a bem da verdade declaro não ter dado ao Reverendissimo Monsenhor Doutor Antonio Versiani de Figueiredo Murta nenhum documento ou mandado assigna-lo conscientemente, no qual attribua ao Senhor Lourenço Vieira Cordeiro, culpa alguma com relação ao meu infeliz estado de mulher solteira, visto como não o conhecia, só vendo-o hoje, e, constando-me ter o mesmo Monsenhor Murta arranjado uma declaração falsa neste sentido, quando não é exacto, porque o proprio dito Monsenhor Murta é o autor da minha desvirginação, facto que se deu quando eu residia em sua casa, nesta cidade, com o qual tive uma filha que se acha viva. E por verdade, mandei escrever esta declaração da minha livre e espontanea vontade, a qual depois de lida e achada conforme, vai por mim assignada em presença das testemunhas que abaixo tambem se assignam. Arassuahy, 18 de Junho de 1910"



"A LANTERNA" NO INTERIOR

Em S. Vicente

28 — 9 — 910 — Quinta-feira, 15 do corrente, em bonde especial, acompanhado da respectiva comitiva, esteve em visita a esta cidade o sr. Jorge Clemenceau.

O illustre e notavel homem politico, um dos maiores vultos da actualidade, quiz ver de perto a primeira e historica capitania, e naturalmente desejaria obter os mesmos pormenores que têm sido dado a outros personagens aqui vindos.

Mas, apesar da hora propicia (11 horas da manhã) estava a casa da Camara fechada. Porisso não poude obter os esclarecimentos necessarios, sobre tudo sobre a famosa pedra que lá existe, cujos dizeres, segundo os entendidos archeologos, dizem respeito á fundação de S. Vicente.

Não é admissivel que as pessoas a quem isso está affecto, ignorassem a vinda a esta cidade do notavel homem de Estado, porque elle vinha do Parque Balneario, onde almoçou e onde ha uma pessoa encarregada de communicar isso pelo telephone, como se fez quando o illustre candidato civilista com igual fim esteve aqui.

Apesar da hora impropria (11 horas da noite) estava tudo preparado, inclusive o classico foguete. O edificio municipal estava aberto e illuminado e os interpretes da pedra fundamental a postos e o povo avisado para dar os respectivos vivas ao seu candidato. Tudo isto foi feito em 30 minutos de tempo, apenas. Basta dizer que *alguem* que já estava dormindo levantou-se á pressa da cama.

Mas o senhor Clemenceau não é defensor nem portador de nenhum chapeu de telha nem de batina de padre ou saiote de frade, porque se o fosse (embora estrangeiro) seria recebido com foguetes e até com repiques de sinos.

O que mais admira é o extraordinario *Progresso*, folha local, que naturalmente sendo apologista de padres e bispos e tudo que for homem de saia por isso não deu a minima noticia, apesar de ser uma honra para esta cidade a visita de tão distincta notabilidade, que por assim dizer, passou despercebida da população.

Emfim, embora tarde, queira o illustre anticlerical libertador da França do dominio jesuitico e da praga das ordens religiosas receber e acceitar as mais expressivas e cordiaes saudações dos livres-pensadores e anticlericaes de S. Vicente. — *O correspondente.*

Numero especial d' "A Lanterna"

Conforme temos annunciodo, publicaremos na quinta-feira, 13 do corrente, um numero especial da *Lanterna*, commemorando o infame assassinato de Ferrer e seus companheiros de martyrio e tambem o primeiro anniversario da presente phase da nossa folha.

Esse numero sairá em oito paginas, em papel melhor, com illustrações e collaboração variada.

* * *

Publicaremos, entre outros, artigos dos srs.:

Dr. Mauricio de Medeiros
Gigi Damiani
Benjamim Mota
Dr. Martim Francisco
Paulo Costa
Emmanuel Sodré
Jorge Pinheiro Guimarães
José Jardes Benevides
Fernando de Sousa
Lucas Mascolo
Emilio Garcia Garcia.
Dr. Olympio da Paixão

Escriptos de Francisco Ferrer, Soledad Villafranca.

Poesias de Reis Carvalho e Ricardo Gonçalves.

Alguns traços sobre o poeta Antonio José da Silva, o Judeo, queimado pela Inquisição, em 18 de outubro de 1739; e as seguintes gravuras:

"Para maior gloria de Deus": allegoria a proposito do assassinato de Ferrer;
"A justiça das chammas": photographias de igrejas e conventos queimados em Barcelona;
"Os carrascos": retratos dos jesuitas Maura e La Cierva;
"O martyr": retrato de Ferrer;
"Uma filha exemplar": retrato de Trinidad Ferrer;
"Nos muros do castello maldito": retrato de Ferrer;
"A familia da Escola Moderna";
"Uma victima da Inquisição": retrato do poeta Antonio José, queimado em Portugal;
"Os martyres da Inquisição moderna": retrato de Ferrer e seus companheiros;
"A imagem da dor": esboceto de um busto do Ferrer;
"Julgamento de Ferrer", scena do tribunal;
"Uma barricada em Barcelona.

* * *

O custo dos pacotes é o seguinte:

*

Um pacote de	50	exemp.	4$000
»	»	» 100	»	8$000
»	»	» 150	»	12$000
»	»	» 200	»	15$000
»	»	» 500	»	37$000

Não serão attendidos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

«A Lanterna» em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem desejar assignar a *Lanterna*, dirija-se a Pythagoras, Ladeira, 60, ou a Poolydoro Santos, na Escola Elyseu Reclus

Encontra-se á venda na Mensageira Central, á rua Bragança.

O caso Idalina

A menor Idalina desapparecida do Orfanato Cristovão Colombo, no dia 7 de julho de 1907,

A facil impunidade com a qual se podem commetter crimes hediondos, sem que, a quem incumbiria o dever, nada se preoccupasse para descobrir os autores todas as vezes que podem comprometter pessoas de alguma influencia, determinaram a folha anticlerical de S. Paulo, *A Lanterna*, a encetar novamente a campanha, pedindo a todos os jornaes do Estado, de auxilia-la no nobre intento de descobrir qual foi o fim da orfam infeliz.

Como desappareceu a Idalina? Trata-se de uma desgraça ou de um crime? A coitadinha será viva ou morta? Se é viva, onde se acha? Se é morta, como morreu?

Todas estas perguntas se apresentam como a expressão de uma duvida afanosa, e os jornaes da capital, logo depois do desapparecimento de Idalina, encetaram uma campanha, investigaram, formularam supposições, fizeram accusações explicitas ou replicaram com defesas.

A opinião publica commoveu-se fortemente, de modo que a policia e a magistratura, foram obrigadas a abrir um simulacro de inquerito.

Mas, dahi a pouco os jornaes não se occuparam mais do facto; a pressão sobre as autoridades cessou; e logo a policia e a magistratura dormiram os mais tranquillos somnos sobre o desapparecimento da orfam, as investigações cessaram, pelo receio talvez, de chegar a descobertas desagradaveis.

E, no entanto, trata-se de um facto muito grave; de uma menina brasileira, filha de pais brasileiros, adoptada como filha pelo sr. Domingos Stamato o qual não podendo na sua qualidade de solteiro, cria-la junto de si, a confiára ao Orfanato mencionado.

Quaes meios, pois, se deveriam escogitar para conseguir o nobre fim a que se propõe a *Lanterna*.

Promover umo agitação em todo o elemento anticlerical no Estado, não basta.

E' necessario que se forme uma commissão central em S. Paulo e outras subcommissões em todas as cidades do interior; abrir uma subscripção estadual para conseguir os meios necessarios para fazer constituir-se parte civil o tutor natural de Idalina, e confiar o patrocinio da causa a um advogado de confiança; que não tema as ameaças dos potentados e que não se deixe seduzir pelo tilintar do ouro.

Sòmente assim, seria possivel fazer mover a velha, lerda e achacada justiça.

Bebedouro, 28 — 9 — 910.

J. G.

D'*O Imparcial*, de Bebedouro.

LER NA 4.ª PAGINA

"A Cruz de Cedro"

ROMANCE PAULISTA

◆ Original de Antonio Joaquim da Rosa ◆

EM FOLHETIM

Que bruto!

Soube-se ha dias em Madrid, que nas Escolas Pias se maltratara brutalmente uma criança, filha de um funccionario publico. Os jornalistas procuraram o pai da victima que, profundamente desgostoso, contou o que lhe succedera. O sr. Vicente Meliá, morador na rua Zaragoza, 21, explicou:

— Meu filho Carlos, que é o maltratado, foi mettido, por mim, nas Escolas Pias de Santo Antonio para fazer os seus primeiros estudos. Como o rapaz, devido a uma antiga operação ao trepano que lhe fizeram os médicos, necessitava de um tratamento especial e de muito cuidado nos seus estudos, matriculei-o no referido collegio, julgando que a criança estaria ali melhor do que em qualquer outro estabelecimento de ensino. Estive sempre socegado, porque o Carlos nunca me fazia queixa dos padres encarregados da sua educação. Mas na terça-feira chegou do collegio ao meio dia, queixando-se muito da cabeça e dizendo-se doente. Alarmado, ordenei que o deitassem a ver se lhe passavam as dores. Depois saí. Quando regressei a casa, minha mulher participou-me que o rapaz tinha passado o dia a chorar e queixando-se de muitas dores. No dia seguinte esteve mais tranquillo, mas á noite o seu estado aggravou-se, de modo a alarmar todas as pessoas de familia. Perguntamos-lhe se algum collega o aggredira, mas elle negava absolutamente. Não, ninguem o tinha aggredido. Passa mais um dia e quer levantar-se para ir ao collegio, mas não póde. E' então que confessa terem no aggredido. Interreguei-o sobre quem o maltratára e dos seus labios, que não sabem mentir, ouvi a verdade. Fora aggredido pelo padre Francisco Castro, com uma bofetada e em seguida deitado ao chão; como não ficasse satisfeito ainda o padre o aggrediu na cabeça com um pau. Ao ouvir essas palavras de meu filho foi tal o meu desespero que se tivesse na minha frente o padre Castro, tel-o-ia matado. Com estes antecedentes calcule qual não seria a minha angustia. O meu filho estava no collegio pagando a mensalidade de tres duros e se com os que pagam essa quantia fazem o que acabo de dizer, podem imaginar como procederão com os pobres infelizes que ali entram por caridade.

O rapaz foi interrogado por um jornalista em sua casa. Estava prostradissimo.

— O padre que o maltratou sabia que o menino estava num estado tão delicado?

— Sim, senhor; ha dias deu-me uma tremenda bofetada num ouvido, e como lhe dissesse que me supurava, respondeu-me que era da operação que eu tinha soffrido,

— E porque lhe batia dessa maneira tão brutal?

— Porque nem sempre sabia a lição.

Accrescentou em seguida que não quiz dizer nada a seus pais, porque frei Francisco Castro o ameaçava de lhe bater ainda mais se os seus pais o soubessem.

E viva a escola clerical!...

Em Barcelona

O anniversario do fusilamento de Ferrer — Preparativos de um importante movimento em Barcelona

MADRID, 5 — Telegrapham de Palma a varios jornaes desta capital:

"O general Valeriano Weyler, governador militar de Barcelona, passou algum tempo, ultimamente, nesta cidade. S. exa. foi entrevistado por um jornalista, a quem declarou saber que está sendo preparado, em Barcelona, um importante movimento, que se manifestará, no dia 13 do corrente, primeiro anniversario do fusilamento de Francisco Ferrer.

As autoridades, porém, concluiu o general Weyler, já tomaram as necessarias providencias para reprimir, com toda energia, qualquer desordem."

A numeração d' „A Lanterna"

Entrando *A Lanterna* com o proximo numero no seu segundo anno de pontual publicação na presente phase, aproveitamos a occasião para corrigir a contagem de seus annos de existencia. O primeiro numero da nossa folha, na sua primeira phase, appareceu em março de 1901, correspondendo, portanto, agora, ao seu X anno de luta e, não, ao IV, como tem sahido.

Está claro que não temos em conta as diversas interrupções que durante esse longo tempo soffreu a sua publicação. *A Lanterna* é um jornal de combate e, por isso, não póde ter a vida socegada das folhas incolores.

Esperamos, entretanto, que isso não se dará mais, como, com satisfação, demonstramos durante o anno agora findo.

"A Lanterna" em Nictheroy

A nossa folha é encontrada em Nictheroy nos seguintes pontos:

Na Ponte Central das Barcas de Nictheroy;

No Largo do Barreto, com o vendedor de jornaes;

Na Charutaria Viuva Vianna, rua dr. Marck, 17—Barreto.

Nas Neves, no ponto final dos bondes, com o vendedor de jornaes.

Aos assignantes da Mogyana

O nosso companheiro José Romero começou a percorrer a linha Mogyana, em viagem de cobrança.

Julgamos desnecessario estarmos aqui a appellar para a boa vontade dos nossos assignantes. A *Lauterna* vive exclusivamente do rendimento das assignaturas e, dizendo isto, acreditamos dizer tudo para que todos prestem o seu inteiro apoio ao nosso companheiro.

Aos amigos que pagaram o primeiro anno a vencer até o fim de dezembro, avisamos que não devem estranhar a sua visita, pois, como já temos dito, estas viagens só podem ser feitas poucas vezes, pelas grandes despezas que acarretam.

Serve o mesmo aviso aos assignantes de Campinas.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166;

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate)

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Na rua do Senado, 63.

O papa está idiota

Chocado com a noticia da proclamação da republica em Portugal, que o feriu como um raio, Pio X ficou idiota. Deu para rezar. E' a sua mania. Até então s. s. nunca rezara, excepção feita de uma ou outra missa, pro forma.

Vejam telegrammas de Roma, do dia 5 de outubro.

O Papa Negro

Importante romance historico, de Mezza Botta, contendo 520 paginas e 18 suggestivas illustrações.

Neste livro é historiada a fundação e o desenvolvimento na Europa da Companhia de Jesus, a fundação da Maçonaria e a sua corajosa luta contra os tremendos planos dos seus antigos companheiros, chefiados por um dos antigos membros, Ignacio de Loyola. Discripção clara e minuciosa dos meios empregados para dominar o mundo, pela submissão dos reis e imperadores.

Preço dos dois volumes, 2$000 franco de porte.

ELECTRA

Drama anti-clerical em 5 actos, do afamado escriptor hespanhol B. Peres Galdós.

Esta peça valeu ao seu autor um renome universal, provocando grandes applausos em todas as platéas onde foi representada.

Em toda a parte foi ella bem acceita, tendo sido causa de grandes agitações e provocando a furia da padralhada.

Livre de porte, custa 1$500 o volume, que contém 130 paginas.

Está autorizado a proceder á cobrança de assignaturas d'*A Lanterna* no Rio de Janeiro o sr. Gregorio Rodrigues.

Contamos com a boa vontade dos nossos amigos e assignantes para o auxiliarem na tarefa.

A Velhice do Padre Eterno

Extraordinaria obra do grande poeta Guerra Junqueiro, que transformou a sua penna brilhante em ferro em braza a queimar desapiedamente a purulenta chaga clerical.

Este livro, que é considerado um dos mais ferozes contra a Igreja, mereceu uma excommunhão do Papa.

Custa 2$000, franco de porte.

EXPEDIENTE

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, nos é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar n'*A Lanterna*, na secção *Bilhetes e recados* a resposta que sem inconveniente puder ser dada por ali.

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão nossa ás ideias por elles expostas.

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.



A Escola Moderna em S. Paulo

AVISO IMPORTANTE

Tendo chegado ao conhecimento do «Comité pró-Escola Moderna» que alguns individuos se tem aproveitado desta iniciativa para estorquir dinheiro de pessoas de boa fé, declaramos que só podem angariar donativos para esta obra as pessoas portadoras de listas de subscripção carimbadas e assignadas pelo secretario Leão Aymoré.

Aproveitamos o ensejo para pedir a todas as pessoas que possuem listas de subscripção o favor de as devolverem com a respectiva importancia ao thezoureiro, sr. José Sanz Duro, Caixa Postal, 857.

O COMITÉ.

* * *

Os proprietarios da typographia Fiorentina, srs. Capaci, Susini & C., puzeram á venda, ao preço de 1$500 cada exemplar, o bello romance *Angelo Longaretti o il delitto sociale*, revertendo metade do seu producto em favor da Escola Moderna,

E' um volume de 200 paginas, de leitura deliciosa pela belleza e originalidade das suas descripções e pela elevação e justeza dos conceitos que comporta.

E' de 600, o numero de exemplares que serão vendidos em beneficio desta iniciativa.

* * *

O ENSINO RACIONALISTA

A Associação da Escola Moderna do Rio de Janeiro acaba de editar, em elegante folheto, a conferencia que sob o titulo acima foi realizada, em maio passado, naquella capital, pelo dr. Mauricio de Medeiros.

O folheto contém tambem os estatutos da Liga Internacional para a Educação Racional da Criança e da Liga do Rio de Janeiro.

Está á venda em nossa redacção ao preço de 300 réis e pelo Correio 400, revertendo o seu producto em favor da Escola Moderna.



Pequenos ecos

Fallecimento — O nosso companheiro Scipione Delmoro recebeu da Italia a triste noticia do fallecimento ali do seu velho pai.

Ao bom amigo enviamos os nossos pesames.

O cliché de hoje — O cliché que hoje publicamos nos foi cedido gentilmente pelo *Pasquino Coloniale*

XX de Setembro — Em Jurema a data da queda do poder temporal do Papa foi animadamente commemorada

A pequena localidade esteve durante todo o dia em grande agitação, tocando constantemente tres bandas de musica.

A Escola Moderna, bella iniciativa, foi enthusiasticamente victoriada, emquanto geraes eram os gritos contra o clericalismo.

Sim, á luta — De uma carta de nosso collaborador dr. Olympio da Paixão, destacamos este trecho:

«Presinto que para nós livres-pensadores e anticlericaes, se aproximam tempos de crudelissimas contendas infindas contrariedades e em que é preciso, mais do que antes, mais do que nunca, activar a nossa propaganda.

A reunião dos chefes supremos das igrejas locaes é symptoma de que elles sentindo-se combatidos rigorosamente e com exito reunem para dar combate ou defender-se mais energicamente.»



Bilhetes e recados

Tietê—Luiz A. C. T. Junior: Ficou a nota da quantia que nos enviou. Quer algum livro? Saudações.

Mattão — Joaquim Franco: Satisfizemos o seu pedido. Saudações.

Jacarehy — R. Dino: Pode mandar. Saudações.

Rio — J. A. de Castro: Tomamos nota do pedido do numero especial. Saúde. — P. B. Matera: Mandaremos o numero especial. Saúde.

Taquaritinga — Salomão M. de Oliveira: Recebemos a sua carta. Estamos de accordo. Saudações. — Bueno:

Alto da Serra — H. M. Eiroa: Recebemos os 2$ para o numero especial. Enviamos o n. pedido. Saudações.

Desterro — Chrysanto Eloy de Medeiros: Recebemos os 10$ para a sua

Tomamos nota dos endereços. Enviamos o «Papa Negro». Saudações.

S. Paulo — Felix Pereira: Modificamos o endereço. Saudações.

Jahú — M. de Zario: Enviamos os numeros pedidos. Obrigados. Saudações.

assignatura. Agradecemos a informação e o folheto. Saudações.

Parnahyba — A. A. de Oliveira: Tomamos nota do que nos diz. Saudações.

S. João d'El-Rey — Fernando de Souza: Recebemos a lista. Agradecidos. Saudações.

Bahia — Gualter Martiniano: Pode mandar da forma que entender. Saudações.

Ribeirão Preto — J. R. O.: Recebemos e publicaremos. Saudações.

Sertãozinho — Antonio de Mattos: Tomamos nota do pedido do numero especial. Seguiram os postaes. Saudações.

Mattão — Martins de Castro: Recebemos o importe de sua assignatura. Saudações.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogy das Cruzes, na agencia do sr. Emilio Navajas.

Em Botucatú, sr. José Costilha.

Em Dous Corregos, com o sr. Antonio Carlos de Souza.

"L'ASINO"

Todos as pessoas que queiram assignar o L'Asino, *poderão faze-lo por nosso intermedio, pagando antecipadamente a assignatura, que custa* 800 réis por mez. *Vendemo-lo tambem avulsamente em nossa redacção a* 200 rs. o numero.

«A LANTERNA»

será vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

NA LAPA—*Salão Internacional.*

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 105.

AGENCIA DE JORNAES do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 37.

No engraxate, á rua 15 de Novembro, 2.

Na rua S. Caetano, 238.

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador Bueno, 41 e 43, vende-se *A Lanterna* a 200 réis o numero avulso.

Bilhetes postaes

Temos á disposição dos leitores novos bilhetes postaes illustrados anti-clericaes, oito desenhos differentes, aos seguintes preços:

Duzia	1$000
Um exemplar . .	100

Os nossos representantes

São nossos agentes, fóra desta cidade, os seguintes amigos:

Rio de Janeiro, srs. Manuel Moscoso, rua do Senado, 63 e Gregorio Rodrigues, rua Uruguayana, 123 (loja).

Ribeirão Preto, sr. José Selles, rua Amador Bueno n. 41.

Franca, sr. Innocencio Selles.

Santos, sr. Luiz Bezzi, rua Martim Affonso, 16.

Nictheroy, Francisco Dias Filho, Padaria Flor do Barreto.

S. Roque, sr. Credo Negrelli.

Dobrada e lugares circumvizinhos, sr. Pedro Sermi Rossi.

Porto Alegre, srs. Polydoro Santos, rua Conceição, 22 e Pythagoras, Ladeira, 60.

Villa Americana e Rebouças, sr. Lucio Sandoval.

S. Vicente, sr. Miguel Barcala.

Rincão, Pontal, Pitangueira e ramal de *Mogy-Guassú*, sr. Francisco de Almeida Ramalho.

Atibaia, dr. Olympio Paixão.

Jardinopolis, sr. João Zucchi.

Salto de Itú, sr. Scipione Del Moro.

Araraquara, sr. Ferdinando Scalamandre.

Jundiahy, sr. Antonio Martinelli, rua Cel. Moraes, 2.

Uberaba, sr. Cirio Palmeston.

Itapetininga, prof. Alvaro de Campos.

Botucatú, sr. Emilio Garcia.

S. Cruz do Rio Pardo, sr. Luiz Rogerio.

Jahú, sr. Francisco Bonilha.

Baurú, sr. prof. José de Arimathéa Machado.

Est. Presidente Alves (e lugares circumvizinhos da Noroeste do Brasil), sr. José Martinho.

Bica de Pedra, sr. Alexandre Portieri.

Cidade de Prata, sr. Tollendal Bittencourt.

Diamantina, sr. Arthur Fonseca.

Monte Alto, sr. Manuel Pontes Gestal.

Jaboticabal, sr. Ewaldo Henrique Mrosig.

O padre: eis o inimigo!

Encontram-se em nossa redacção

O Papa Negro

A Velhice do Padre Eterno

Electra

Importantes obras de excellente propaganda anticlerical.

A' VENDA NA

Charutaria Lealdade

Rua de S. Bento, 51 — S. PAULO

Jornaes:

a Terra livre, A Vida, La Guerre Sociale, A Sementeira.

Obras:

Socialismo e Anarquismo, A Hamon 1$. Fórmas e essencia do Socialismo, Saverio Merlino, 1$500. A Conquista do Pão, Kropotkine, 1$500. A Escola Moderna de Barcelona, W. Heaford, 1$. Jesus Christo Nunca Existiu, E. Bossi, $800. A Religião da Morte, H. Salgado, 1$. Mentiras Religiosas, do mesmo, 1$300. Sciencia e Religião, Malvert, 2$500. Religião e Evolução, Origem do Homem, O Monismo, 1$700 cada um; Maravilhas da Vida, Enygmas do Universo, de Haeckel, 2$700 cada um. No Paiz de Christo, Alves 6$. Os Apostolos. Renan, 3$200. S. Paulo, do mesmo, 3$500. O Marquez do Pombal, 6$800. A Sociedade Moribunda e a Anarquia, 1$500. As Doutrinas Anarchistas, dr. P. Eltzbacher, 1$500.

BIBLIOTHECA "D'A LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

R. S Morin, *O Espirito da Igreja*.	$200
Nathanaël Pereira, *A Educação Religiosa*. . . .	$200
Ex-padre Guilherme Dias, *O que é o celibato*. .	$200
Pedro de Mello, *Sonho Dantesco*	$200
Marco A. Dancetti, *Giordano Bruno*. . . .	$200
Domingos Zapata, *As 67 perguntas*.	$200
Eliseu Reclus, *Evolução e Revolução*.	1$500
Gorki, *Os amassadores* .	$200
Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho* . . .	$200
Nieuwenhuis, *A mulher e o Militarismo* . . .	$100
Motta Assumpção, *O Infanticidio, drama*. .	$300

EM HESPANHOL

M. Rey, *Donde está Diòs?*	$100
R. Chaughi, *Immoralidad del Matrimonio*. . .	$100
J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*.	$100
M. Devaldès, *Mathusianismo y Neo-Mathusianismo*	$100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia*	$100
A. Pellicer Paraire, *El individuo y la masa* .	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
S. Faure, *El Problema de la Población*. . .	$100
A. Hamon, *Compendio de la Historia del Socialismo*	$200
J. Grave, *Tierra libre* (fantasia)	2$000

Terreno em Santos

Vende-se ou troca-se por um outro nesta capital, um excellente terreno situado entre duas futurosas avenidas, a rua Manuel Carvalhal, 56 (antiga rua Nova) em Santos, tendo 14 metros de frente por 50 de fundos. Preço, 150$000 o metro. Trata-se no largo da Sé n. 5 (1º andar), com Eugenio Leuenroth.—S. Paulo.

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

Les Temps Nouveaux

Revista quinzenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: 3$000.

La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé.

Assignatura annual: 5$000.

A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa.

Assignatura annual: 2$000.

A Aurora

Hebdomadario operario. — Porto. — Assignatura semestral: 1$500.

Internacia Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris.

Assignatura annual: 2$500.

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Espanha e a obra de Ferrer.

Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

FOLHETIM (13)

Antonio Joaquim da Rosa

A Cruz de Cedro

ROMANCE PAULISTA

XII

Pai degenerado que sacrificais ao vil interesse do ouro a sorte do ente que vos devia ser mais caro, não vedes o inferno que se abre diante de vossos passos para tragar em suas fauces negras e medonhas o misero filicida?!

O capitão André curvou a fronte, como que fulminado por esta apostrophe. Julia agradecia os meus esforços com seus olhos lacrimosos.

— Meu padre! respondeu André de Góes com voz grave e erguendo a custo a cabeça abatida, vejo que fiz mal. Ah! se o céo invejoso tão cedo não arrebatasse de meus braços a minha boa e santa mulher, talvez que ella me tivesse aconselhado a tempo...

— E, mesmo lá do céo, redargui com vivacidade, ella vos amaldiçoa por fazerdes a desgraça da sua filha tão amada!

— Bem o mereço e bem o sinto!

— Mas se vós mesmo sentis haver dado um passo inconsiderado, quem vos impede de retrocede-lo? Porque não remediais um mal que tão facil é de se remepiar?

— Porque não posso.

— E porque é que não podeis?

— Porque dei a minha palavra ao capitão Gonçalo, e porque um paulista prefere as maldições do céo e da terra, as torturas e as fogueiras da Inquisição, as penas eternas do inferno, a faltar á sua palavra.

— Ah! exclamou Augusto com voz desfallecida, bem vo-lo disse, meu padre!

— Ah! exclamei eu com horror, continuou o padre Gaspar. Não quereis ouvir a voz de Deus que vos brada por meu orgam: "Salvai-vos!" Pois bem! intimo-vos para comparecerdes perante o inexoravel tribunal do santo officio da Bahia; emprazo o vosso corpo para as fogueiras da inquisição, e a vossa alma negra para comparecer dentro de tres mezes perante a barra do severo e tremendo juizo de Deus, severo e tremendo para os filicidas! (*)

— Padre! acceito a condemnação e tudo arrostarei com a estoica inflexibilidade de um verdadeiro paulista. Ha só um meio de mudar a face desta horrivel situação, que eu deploro mais por minha filha do que por mim.

— E qual é esse meio?

(*) Os jesuitas recorriam commummente a estas intimações para o juizo de Deus nos casos extremos.

— E' inutil.

— Embora, eu vo-lo ordeno em nome de Deus.

— Esse unico meio seria a desistencia formal e espontanea do capitão Gonçalo.

— E se se der essa ventualidade prometteis dar a mão de Julia a Augusto de Lara?

O capitão André hesitou. Julia se precipitou aos seus pés, abraçando-os e banhando-os com orvalho crystalino dos seus bellos olhos.

— Não podeis recusar, disse eu com autoridade. O céo vo-lo ordena!

— Pois bem: consentirei, mas unicamente na hypothese que já estabeleci.

— Dais vossa palavra de paulista?

— Eu vo-la dou.

Neste instante apeou-se no terreiro o sargento-mór Luiz Pedroso de Barros, e o capitão André apressou-se a ir recebe-lo. Aproveitei-me deste ensejo para dizer a Julia que tinha certeza de obter a renuncia do capitão Gonçalo e, conseguintemente, que ella não fosse esta noite ao cedro de Carembehy, porque não vos encontraria. Julia corou e abaixou seus bellos olhos repassados de pudor e de gratidão.

— Ah! exclamou Augusto, fizestes mal de lh'o dizer, porque o capitão Gonçalo não renunciará o céo, renunciando a mão do mais puro e do mais bello dos seus anjos!

— Ve-lo-eis, moço descrido! Logo depois da chegada do sargento-mór Luiz Pedroso, levantei-me para me ir embora.

— Que é isso, reverendo padre-mestre? Vai-se embora por eu ter chegado?

— Não, meu amigo, vou porque tenho um negocio urgente com o capitão Gonçalo.

— Foi bom fazer-me de abelhudo, para poder prestar-lhe um pequeno serviço, prevenindo a vossa reverencia que guarde para a tarde de amanhã a sua visita a meu primo, porque o encontrei no caminho da Parnahyba.

— Ah! disse Augusto, é verdade que hoje bem cedo o vi de longe a cavallo, seguindo essa direcção.

— A' vista deste inesperado contratempo, para melhor orientar-me, entabolei uma conversação para colher as maduras, como se costuma dizer.

— Então, sr. sargento-mór, vistes ao vosso primo?

— Sim, reverendo, vio-o, e por signal que ia bem triste.

— E não será imprudencia perguntar-vos a razão dessa tristeza?

— De modo algum, e até muito estimo achar aqui a vossa reverencia, que póde prestar-me um auxilio poderoso.

— Estou ás vossas ordens, respondi, pulsando-me o coração de contente.

— Eis o caso sem mais preambulos. O nosso velho amigo o sr. capitão André procurou hontem a meu primo Gonçalo e offereceu-lhe a mão da sra. d. Julia.

— E' verdade, disse lhe a capitão Góes.

— Meu primo acceitou immediatamente essa honrosa proposta.

— Tambem é verdade, respondeu o pai de Julia.

— Mas hoje muito cedo uma velha informou-o de que a sra. d. Julia se achava em lagrimas e que preferia casar-se com um moço que se criou com ella. Meu primo, cavalheiro como é, não deseja que a sra. d. Julia sacrifique a felicidade delle á sua propria felicidade, e encarregou-me de pedir uma explicação franca a este respeito, e, no caso affirmativo, de renunciar em seu nome com toda a lealdade a mão de vossa bella filha.

— Que nobre e generoso cavalheiro! exclamou Augusto de Lara.

— Foi essa a exclamação que partiu de todos os corações que ali se achavam. As acções nobres e generosas acham éco em todas as almas igualmente nobres.

— Bem, disse o capitão André, acceito a renuncia nos termos em que me é proposta, mas sem que duvide nem remota e ligeiramente da palavra do honrado sr. sargento-mor Luiz Pedroso, a quem tributo a mais alta estima e consideração, todavia, como se trata de um negocio assás melindroso, que affecta a minha honra, para resalva-la, peço encarecidamente ao sr. sargento-mór que se digne de trazer á nossa casa o seu nobre primo para fazer a renuncia de viva voz.

— Não vejo nisso o menor inconveniente, mas só amanhã de tarde é que poderemos vir, visto que meu primo foi hoje para a Parahyba, como já disse.

O capitão André voltando-se para o meu lado:

— Peço a Vossa Reverencia, disse elle, que tambem venha amanhã de tarde, para tratarmos do casamento de Augusto de Lara, visto ser Vossa Reverencia o seu poderoso patrono.

— Oh! meu padre! meu amigo! exclamou o joven Lara, abraçando o jesuita com transporte, vós me fazeis enlouquecer de prazer!

A's nove horas da noite reinava profunda escuridão na cella do padre Gaspar.

Ouviram-se tres pancadas maçonicas na porta, do lado de fóra.

— Quem bate? perguntou o jesuita com mau humor.

— Sou eu, respondeu do lado do corredor uma voz conhecida.

— Ah! sois vós padre Ignacio? disse o jesuita levantando-se e abrindo a porta. Vossas visitas a estas horas são sempre pouco agradaveis.

— Bem sabeis que não as faço por minha conta.

— Então que temos?

(Continúa).

GRANDE COMICIO

Commemoração do 1.º anniversario do assassinato do Grande Educador

Todos ao comicio!

Ninguem esqueceu, nem esquecerá nunca o sombrio e lutuoso 13 de Outubro de 1909, dia em que, victima de um assassinato friamente premeditado, urdido nas trevas, mas revestido dos requesitos de um processo legal, Francisco Ferrer tombou, ensanguentado, nos fossos sinistramente celebres do castello execrando de Montjuich.

De ha muito o clericalismo hespanhol e o governo, de parceria, vinham estreitando o circulo de odio e de exterminio que envolvia a Ferrer e á sua immorredoura obra, a Escola Moderna, cujos ensinos calcados nos preceitos elevados da sciencia e da razão eram aptos a formar gerações conscientes que iriam, no futuro, ameaçar de morte ás instituições retrogradas, incompativeis com o adiantamento do povo.

Os dias sangrentos de Barcelona offereceram o almejado pretexto para vibrar o golpe aniquilador á Escola Moderna e a seu fundador, e o governo e o jesuitismo, vinculados pelo mesmo sentimento de odio, pelo mesmo desejo de esmagar o pensamento, não hesitaram em immolar ao seu furor insano, a victima innocente.

Porque, para justificar o sacrificio de Ferrer, allegavam os interessados em sua morte que elle se envolvera nos levantes de Barcelona.

Era uma infamia!...

Aquella revolta, aliás justissima, não fôra feita por Francisco Ferrer nem elle participara de seus combates.

E a prova de sua innocencia, que hoje, nem os seus inimigos ousam negar, resaltou, brilhantissima, nos protestos unanimes da Terra inteira, crystalizou-se na consciencia de todos os homens emancipados, e affirmou-se soberanamente com a immediata queda do chacal Maura e com a mudança de politica do rei Affonso XIII que, para se manter no throno oscillante teve de apoiar a Canalegas e permittir que este iniciasse o saneamento mental e moral da Hespanha com a expulsão dos parasitas odiosos que medram nos conventos e nas sacristias.

O clero, cujas tramas e ardis são hoje de sobra conhecidos, pretende por todos os meios readquirir a ascendencia perdida, renovar os autos de fé, restabelecer o santo officio, dominar as consciencias, encher de trevas os cerebros de seus discipulos e locupletar-se de riquezas á custa do suor e da ignorancia dos fanaticos. Seu predominio é uma constante ameaça á prosperidade de um povo e um entrave á marcha do progresso.

E aqui, no Brazil, elle tende a se desenvolver, a se implantar graças á indifferença dos elementos liberaes que em sua grande parte, vêm, insensiveis, avolumar-se a onda clerical, e estender-se pelo paiz como um enorme bando de acridios famelicos e destruidores.

Já o clero ostenta, vaidosamente, a sua força. Jà lhe parece sorrir a victoria que lhe assegurarà o dominio completo do povo e em passeatas carnavalescas faz exhibição provocante de suas forças.

E' tempo de reagir. O 13 de Outubro deve marcar o inicio de uma campanha tenaz, constante, systematica contra os inexhoraveis oppressores dos povos, os inimigos da luz e da razão, os arautos do erro e do embuste, a guarda avançada da tyrannia e do despotismo.

A morte de Francisco Ferrer que, em Montjuich, foi varado pelas balas que o odio jesuita forjou em seu antro tenebroso, clama vingança.

Todos os que pensam livremente, todos os que desejam se libertar do jugo do dogma, todos os que propugnam a liberdade e desejam ver vencido, impotente e examine o monstro clerical, são convidados para o

GRANDE COMICIO

que usando do mesmo direito gosado pelos clericaeso, será realizado no dia

13 do corrente, ás 7 horas da noite

NO LARGO DA SE'

Nesse comicio, em que tomarão parte as associações liberaes de S. Paulo, lojas maçonicas, centros republicanos de varias colonias e sociedades de educação, e varios oradores conhecidos usarão da palavra, para mais uma vez, profligar o clericalismo feroz, formando-se em seguida um prestito que percorrerà as ruas centraes.

Ninguem deve faltar nesse dia, pois que é necessario demonstrar aos inimigos de Ferrer, aos que o sacrificaram, que a sua obra permanece, progride, e hoje os homens livres, nos centros cultos, formam a maioria, preponderam sobre as turbas de fanaticos irresponsaveis e inconscientes que o veneno do mys ticismo inutilizou, embotando-lhes a intelligencia.

Uma vez que o clero, num desafio tolo, passa revista ás suas forças é necessario desilludi-lo, fazendo-lhe ver que ainda ha em S. Paulo milhares de pessoas que vibrando de enthusiasmo, promptas a arrostar todos os sacrificios, batalham corajosamente contra uma casta que tem escripto, com letras de sangue, paginas dolorosas na historia da humanidade.

As associações e grupos dos suburbios e arrabaldes devem reunir-se num mesmo ponto e incorporados, acompanhados de musica, estacionarem no Largo da Sé, ás 7 horas da noite.

Deverão trazer seus estandartes e disticos bem expressivos em letras grandes, procurando distribuir com antecedencia boletins convidando o povo a tomar parte na manifestação.

O prestito descerá a rua 15 de Novembro, passará pelo Largo do Rosario, Rua São Bento, rua Florencio de Abreu e irà até ao jardim da Luz afim de depôr, no pedestal do busto de Garibaldi algumas corôas de flores dedicadas aos livres pensadores Libero Badaró, dr. Bettoldi, ao poeta brasileiro Antonio José da Silva, o Judeu, queimado em Portugal pela Inquisição em 18 de Outubro de 1739 e a Francisco Ferrer e seus companheiros de martyrio.

Libero Badaró e dr. Bettoldi foram, em S. Paulo, dos que primeiro combateram o jesuitismo. Eram paladinos da liberdade e por muito tempo jazeram esquecidos.

Que ninguem falte no *dia 13 de Outubro ás 7 horas da noite, no Largo da Sé.*

E' urgente começar a campanha contra os sugadores da humanidade, que a embrutecem e a exploram.

Abaixo o clericalismo nefando!
Viva a memoria de Francisco Ferrer!!
Viva a *Escola Moderna!*

S. Paulo, 9 Outubro 1910.

Comitê prò ESCOLA MODERNA

Todos ao comicio!